



FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

PAMELA RAIANY JERONIMO DA SILVA RODRIGUES

**“Agora acabou! Precisamos retomar as aulas com os livros”
Relatos de experiência sobre o uso do livro didático na pré-escola**

BRASÍLIA- DF

2023

Pamela Raiany Jeronimo da Silva Rodrigues

**“Agora acabou! Precisamos retomar as aulas com os livros”
Relatos de experiência sobre o uso do livro didático na pré-escola**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação
como requisito parcial para obtenção do título de
licenciada em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra.
Silmara Carina Dornelas Munhoz.

BRASÍLIA-DF

2023

Pamela Raiany Jeronimo da Silva Rodrigues

**“Agora acabou! Precisamos retomar as aulas com os livros”
Relatos de experiência sobre o uso do livro didático na pré-escola**

Aprovado em: ____/____/2023

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz-
Orientadora Faculdade de Educação – Universidade de
Brasília

Professor Dr Daniel Magalhães Goullart
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professor Dr. Wanderson Santos
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professor Dr. Paulo Henrique Pereira Silva de Felipe
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

BRASÍLIA- DF

2023

Dedico este trabalho às minhas filhas, Anna Clara e Sofia, verdadeiros pilares que sempre foram minha inspiração e razão para seguir adiante. À minha família, que esteve ao meu lado nesta longa jornada, cheia de desafios, sempre confiando em mim e impulsionando-me a alcançar cada conquista.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu a oportunidade de entrar na tão sonhada Universidade de Brasília, e que foi meu refúgio nos momentos de tristeza, nos quais pensei que não conseguiria chegar ao final do curso.

Às minhas amadas filhas, Anna Clara e Sofia, que sentiram a minha ausência durante o curso, mas sempre estiveram ao meu lado com o seu amor puro e ingênuo, representando a razão para seguir em frente.

Ao meu esposo, Dionathon, quem sempre, mesmo em meio aos momentos mais desafiadores de nossas vidas, esteve ao meu lado, com ações de incentivo e amor, reafirmando o quanto sou capaz, apoiando cada um dos meus sonhos.

Aos meus pais, Elisabete e Osimbo (Seu Neguinho), por todo o amor. São minha fortaleza, meu incentivo, que cuidaram das minhas filhas nos momentos em que eu me dedicava a universidade, sempre acreditando na minha capacidade com orgulho e dedicação.

Às minhas irmãs, Priscila e Pamila, que me ajudaram nos momentos em que a ansiedade e o medo surgiram, me acalmando e mostrando que o caminho a seguir não era tão complexo como imaginava e ofereceram todo apoio e companherismo.

À minha cunhada, Charlene Rodrigues, também pedagoga, apaixonada pela área da educação, que me apoiou durante a minha jornada, em especial, na fase final do curso.

Agradeço à minha orientadora Silmara, que apareceu no momento em que eu duvidava da minha capacidade, mostrou-se atenciosa e compreensiva, demonstrando que as coisas podem e devem ser mais leves, que prometeu, desde o momento em que me conheceu, que iria à minha formatura.

Por fim, à Universidade de Brasília, essa instituição que me propocionou um misto de sentimentos e oportunidades únicas, que marcaram a minha trajetória de vida. Serei, eternamete, grata!

Educar!
Um ato de amor!
Requer:
Entrega, dedicação e doação!
Formação inicial e continuada!
Perseverança, esperança e magia!
Garra, desejo e sonhos!
Resiliência, fé e foco!
Requer determinação e ousadia...
Criatividade, acolhimento e respeito...
Educar crianças!
Significa prepará-las para a vida
enquanto sujeitos de direitos e deveres,
cidadãs que carregam consigo
inúmeras histórias, subjetividades,
práticas sociais e culturais, arraigadas
de sentidos diversos.
Significa:
Concretizar sonhos!
Transformar vidas!
Mudar histórias!
Transformar o mundo!
Criar novas possibilidades!

(Rodrigues, 2023)¹.

¹Charlene de Oliveira Rodrigues. Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Falas em reflexões sobre a importância da palavra “Educar”.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a relação do uso do livro didático e o brincar na pré-escola, a partir das experiências cotidianas vivenciadas por mim, em uma instituição privada de Educação Infantil, localizada em Brasília. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: a) promover reflexões sobre a importância das concepções de criança, infância e Educação Infantil, presentes nos documentos e nos normativos pedagógicos norteadores do segmento e b) apresentar, por meio de relatos de experiências como auxiliar de sala, como tem ocorrido o uso do livro didático em turmas da pré-escola. A partir desses objetivos, elaboramos a seguinte questão: Qual a relação do livro didático e o brincar, em uma instituição de Educação Infantil da rede privada de ensino? Para responder a essa indagação, o estudo inicia com a apresentação do panorama histórico da Educação Infantil, destacando o desenvolvimento das concepções pedagógicas permeadas pelos conceitos de criança e infância nos documentos e normativos basilares da área, além de um percurso pelo uso do livro didático na pré-escola. A metodologia adotada abrange o registro de relatos de experiências em diários de bordo, apoiados pela análise de planejamentos de atividades inerentes à rotina escolar. Os relatos, fundamentados nas observações realizadas, proporcionam uma análise das práticas pedagógicas, enfatizando o papel do livro didático na Educação Infantil. A conclusão do estudo destaca a necessidade de revisão dos planejamentos e a reflexão do uso do livro didático na Educação Infantil, com foco no aprimoramento das estratégias educacionais que respeitam as concepções de criança e infância, fundamentadas nos eixos norteadores das interações e das brincadeiras, conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, fixadas pela Resolução nº05 de 17 de dezembro de 2009.

Palavras-chaves: Livro didático; Pré-escola; Experiência Docente; Criança e Infância; Brincar.

Abstract

The present study aims to reflect on the relationship between the use of textbooks and playing in preschool, based on the daily experiences I experienced in a private Early Childhood Education institution, located in Brasília. To this end, the following specific objectives were outlined: a) to promote reflections on the importance of the concepts of children, childhood and Early Childhood Education, present in the documents and pedagogical regulations guiding the segment and b) to present, through reports of experiences as an assistant classroom, as has been the case with the use of textbooks in preschool classes. Based on these objectives, we elaborated the following question: What is the relationship between textbooks and playing, in an Early Childhood Education institution in the private education network? To answer this question, the study begins with the presentation of the historical panorama of Early Childhood Education, highlighting the development of pedagogical conceptions permeated by the concepts of child and childhood in the area's basic documents and regulations, in addition to a journey through the use of textbooks in pre school. The methodology adopted includes recording reports of experiences in logbooks, supported by the analysis of activity planning inherent to the school routine. The reports, based on the observations made, provide an analysis of pedagogical practices, emphasizing the role of the textbook in Early Childhood Education. The conclusion of the study highlights the need to review planning and reflect on the use of textbooks in Early Childhood Education, with a focus on improving educational strategies that respect the conceptions of children and childhood, based on the guiding principles of interactions and games, as per provided for in the National Curricular Guidelines for Early Childhood Education, established by Resolution No. 05 of December 17, 2009.

Keywords: Textbook; Pre school; Teaching Experience; Children and Childhood; To play.

Sumário

1. Dos sonhos à realidade acadêmica: uma trajetória repleta de desejos, desafios e superações..	9
2. Introdução.....	12
3. Objetivos	13
4. A Educação Infantil na perspectiva histórica e normativa	13
5. Concepções de criança, infância e Educação Infantil.....	18
6. O livro didático na Educação Infantil	19
7. Percurso metodológico	21
8. Experiências e reflexões acerca da utilização do livro didáticos em turmas de educação infantil	22
8.1 Momentos deixados de lado, mas essenciais	27
9. Considerações finais	29
Referências bibliográficas	31

1. Dos sonhos à realidade acadêmica: uma trajetória repleta de desejos, desafios e superações.

Minha jornada acadêmica até a Universidade de Brasília (UnB) foi marcada por diversas etapas desafiadoras. Recordo-me vagamente do início da minha escolarização, exceto por uma fotografia tirada na primeira série, um registro comum na época, no qual as crianças posavam em frente à bandeira do Brasil segurando cadernos.

Aos oito anos, mudei-me para o Recanto das Emas, uma cidade recém-criada onde enfrentei um ambiente escolar desafiador na Escola Classe 102, composta por estruturas temporárias extremamente quentes já que a escola era feita de lata, e distante de casa, com aulas das 10h às 14h. Minha professora, a rigorosa Celina, inicialmente, causava-me desconforto devido à sua rigidez, a ponto de gerar dores estomacais. Nossa! Tenho lembranças nítidas de todas as vezes que precisava de suporte e tinha receios de pedir ajuda, pois ela não costumava dar atenção as crianças. No entanto, uma conversa entre os meus pais e a professora fizeram toda a diferença, transformando meu temor em admiração por ela e toda a sua abordagem metodológica de ensino.

Durante o ensino fundamental, mudei várias vezes de escola devido à escassez de instituições na cidade e ao aumento rápido do número de alunos. Essas mudanças frequentes culminaram na conclusão do ensino fundamental, uma fase marcada por avaliações com notas e fichas que abordavam diversas características dos alunos.

Nessa etapa, os professores avaliavam os alunos com notas de quatro disciplinas, português, matemática, estudos sociais e ciências, além da ficha de avaliação global do aluno, na qual pontuavam algumas características, tais como: assiduidade, comportamento, participação nas aulas, respeito as regras e combinados, entre outras.

No ensino médio não foi diferente, com mudanças constantes de escolas, devido a falta de espaço físico. Durante esse período, experimentei a ausência de incentivo dos professores para a busca pela universidade. O 1º ano do ensino médio foi cursado no Centro de Ensino Médio 301 do Recanto das Emas. O primeiro dia de aula foi marcante, pois também representou a primeira vez em que tive a oportunidade de ir para a escola sozinha. Nesta fase comecei a ter dificuldades na disciplina de matemática, o que me levou a fazer a famosa dependência escolar.

No 2º ano precisei ser transferida novamente, pois a escola anterior não tinha espaço físico suficiente para dar seguimento as demais séries do ensino médio, o que me levou a dar continuidade aos estudos no Centro de Ensino Médio 111 do Recanto das Emas, e posteriormente, a cursar o 3º ano em outra instituição de ensino.

Vale destacar que na cidade em que eu estudava, e ainda resido, não haviam escolas suficientes para a quantidade de alunos matriculados, então o governo alugou salas de aula na antiga Faculdade da Terra, local onde cursei o 3º ano.

Após nove anos sem estudar, no ano de 2015 decidi prestar o vestibular da UnB, mas houve problemas com o pagamento, impossibilitando a efetuação da inscrição. Ainda assim, persisti e não desisti de fazer o ensino superior, pois se tratava de um grande e especial sonho.

No primeiro semestre de 2016, consegui ingressar na Universidade Paulista (UNIP), com a ajuda do Fies, mas também foi uma etapa complexa e cheia de desafios nos mais diversos sentidos da vida. Embora tenha tido inúmeros empecilhos durante o caminho, tentei novamente o vestibular da UnB para o segundo semestre do ano. Foi emocionante e gratificante me deparar com a notícia da minha aprovação! Num piscar de olhos, as cenas de todos os desafios vivenciados passaram pela minha mente! Não há palavras que possam expressar a minha alegria e a emoção nesse momento, pois ali, já sabia que estava iniciando uma nova fase de grandes transformações na minha vida. Me apaixonei pelo curso! Posso, com toda certeza, afirmar que sempre amei a Pedagogia! Entrei com a clareza de que era essa era a área em que eu realmente gostaria de atuar no decorrer da minha trajetória profissional, pois desde pequena esse desejo se fez presente em meu coração.

Quando entrei na Faculdade de Educação da UnB (FE/UnB) pela primeira vez, me emocionei! Como me senti acolhida! Os veteranos e os professores foram cuidadosos, compreensivos e pensaram nos detalhes para receber os calouros de maneira ética, inclusiva, e especial.

Infelizmente, para a surpresa de todos nós, no decorrer do percurso nos deparamos com a chegada de uma pandemia, imposta pelo novo Coronavírus. Algo inimaginável! Tudo parou! Instituições de Ensino de todos os níveis, as etapas e modalidades da Educação Básica precisaram repensar os caminhos para garantir o acesso e a permanência dos estudantes nos diversos espaços de aprendizagens, indo além da sala de aula, ousando por meio do ensino remoto as barreiras existentes para alcançar as crianças, os jovens e adultos nos bastidores do ambiente familiar.

Nesse momento pensei que não conseguiria prosseguir na universidade, pois tive muitas dificuldades com as aulas remotas, inclusive ao me deparar com atividades que demandavam maior foco e atenção durante a realização das diversas disciplinas do curso, pois precisei reaprender a equilibrar e reorganizar todas as dimensões da minha vida, ou seja, a vida pessoal, profissional e familiar.

Vale destacar que as minhas filhas eram pequenas e não entendiam o porquê da mãe

delas estar em casa e não ter disponibilidade para dar a atenção necessária e solicitada por elas. Confesso que meu coração de mãe ficou apertado! As minhas filhas também foram sonhadas e se fazia necessário distribuir a atenção para elas, as pessoas que amo e para as demandas da Universidade tão sonhada.

A partir do primeiro semestre de 2017 comecei a trabalhar em uma instituição de ensino, na qual atuo até hoje. Agradeço pelos aprendizados desenvolvidos, que complementaram a minha bagagem acadêmica, indo além da teoria, perpassando a prática pedagógica na realidade da Educação Infantil, etapa pela qual sou apaixonada. Foi lá que tive a oportunidade de ter a certeza do desejo de prosseguir na área de atuação, Educação Infantil, e também me deparei com diversas inquietações as quais me sensibilizaram de maneira significativa sobre a temática do trabalho a ser realizado.

Ao término da minha jornada na UnB, reafirmo a minha vontade de prosseguir na área de atuação fazendo a diferença e buscando contribuir para o desenvolvimento integral das crianças das creches e das pré-escolas, tanto das instituições de ensino privado, quanto público, em prol da construção de uma educação de qualidade.

Contudo, preciso salientar que as minhas vivências cotidianas durante os últimos seis anos evidencia uma negligência em relação à importância do brincar nas instituições de educação infantil, voltando-se muitas vezes ao processo de alfabetização e letramento, deixando o brincar para segundo plano, esquecendo-se das reais intencionalidades educativas das brincadeiras que envolvem o desenvolvimento pleno das crianças (cognitivo, afetivo, social, psicológico, físico).

Essa tendência de relegar a brincadeira resulta na imersão precoce das crianças em livros didáticos, atividades em folha, entre outros recursos didáticos, muitas vezes de maneira excessiva, deixando de lado as aprendizagens constituídas nas interações, nos jogos e no brincar de maneira geral.

As observações realizadas diante esse cenário, serão a base orientadora desse trabalho de conclusão de curso que busca refletir sobre a relação do uso do livro didático e o brincar na pré-escola, a partir das experiências cotidianas vivenciadas por mim, em uma instituição privada de Educação Infantil, localizada em Brasília.

2. Introdução

A Educação Infantil, como a fase inaugural da educação básica, destina-se ao pleno desenvolvimento da criança. A premissa inicial do presente trabalho parte da reflexão sobre a real necessidade do uso do livro didático na Educação Infantil, em especial na pré-escola, uma vez que não há indicação sobre esse recurso didático nos documentos e normativos educacionais que norteiam a Educação Infantil na realidade nacional e distrital.

Gradativamente, no decorrer dos últimos anos, observa-se um expressivo aumento no emprego do uso do livro didático nas instituições privadas de ensino voltadas ao atendimento das crianças nas creches e nas pré-escolas.

Como auxiliar de sala, observei no cotidiano da instituição, uma crescente dependência dos livros didáticos nos planejamentos de aulas para as crianças da pré-escola. Esta prática impacta diretamente na dinâmica das aulas, restringindo significativamente o tempo dedicado às atividades lúdicas e centralizando o foco da aprendizagem em atividades associadas ao uso do livro como recurso didático fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, prevalecendo atividades contínuas, limitadas às quatro paredes da sala de aula, enquanto o momento do brincar é progressivamente reduzido.

Assim, busco neste estudo, refletir sobre a relação do uso do livro didático e o brincar na pré-escola, a partir das experiências cotidianas vivenciadas por mim em uma instituição privada de Educação Infantil, localizada em Brasília. Para tanto, tenho como intenção fomentar reflexões sobre a importância da compreensão dos conceitos de criança, infância e educação infantil, apresentados nas normativas e documentos educacionais que orientam a organização das práticas pedagógicas para a primeira etapa da Educação Básica, de maneira significativa, articulada e contextualizada. Busco também, apresentar um breve percurso pelo uso do livro didático na pré-escola.

Sendo assim, foram delineados os objetivos específicos: a) promover reflexões sobre a importância das concepções de criança, infância e Educação Infantil presentes nos documentos e nos normativos pedagógicos norteadores do segmento e b) apresentar, por meio de relatos de experiências vivenciadas por mim como auxiliar de sala, como tem ocorrido o uso do livro didático em turmas da pré-escola. A partir desses objetivos elaboramos como questão central: Como ocorre a utilização do livro didático na pré-escola, em uma instituição de Educação Infantil da rede privada de ensino?

Este trabalho foi dividido em duas seções fundamentais. A primeira engloba o panorama histórico da Educação Infantil, as normativas que orientam essa etapa da Educação Básica, as

concepções de criança, infância e educação e a utilização do livro didático. A segunda parte do trabalho se concentra na metodologia adotada para o estudo em questão, a apresentação dos relatos que descrevem a rotina na realidade de uma turma da pré-escola, da rede privada de ensino. Esses relatos são discutidos em diálogo com os temas/autores abordados na primeira parte, proporcionando reflexões específicas sobre a relação do uso do livro didático e o brincar na pré-escola, com crianças de quatro e cinco anos de idade.

3. Objetivos

Objetivo geral

Refletir sobre a relação do uso do livro didático e o brincar na pré-escola, a partir das experiências cotidianas vivenciadas por mim, em uma instituição privada de Educação Infantil, localizada em Brasília.

Objetivos Específicos

- a) Promover reflexões sobre a importância das concepções de criança, infância e Educação Infantil presentes nos documentos e nos normativos pedagógicos norteadores do segmento;
- b) Apresentar, por meio de relatos de experiências vivenciadas por mim, como auxiliar de sala, como tem ocorrido o uso do livro didático em turmas da pré-escola.

4. A Educação Infantil na perspectiva histórica e normativa

Ao longo da história da educação, o papel da Educação Infantil tem sido um tema de intensos debates. Apesar das crianças terem sido constantemente objeto de discussão, nem sempre tiveram seus direitos devidamente reconhecidos e protegidos. De acordo com Filipim et al.(2017), o primeiro esforço notável para cuidar das crianças foi a criação da roda dos expostos, destinada a acolher aquelas que eram abandonadas. No entanto, historicamente, não existia um conceito de crianças e nem a concepção de infância. As crianças eram reconhecidas como mini adultos, tidas como seres de pouca importância, sendo a mãe a única responsável

por sua educação.

Atualmente, possuímos uma compreensão mais definida da infância, reconhecendo-a como um período crucial em que a criança se desenvolve e faz importantes descobertas no mundo, explorando suas capacidades visuais, auditivas e linguísticas. A criança é reconhecida em suas especificidades e não como um devir a ser.

À medida que passamos a reconhecer a criança como um indivíduo de extrema importância para a sociedade, iniciamos uma busca mais efetiva por seus direitos. Segundo Pereira et al.(2022), após uma significativa mobilização social, a Educação Infantil, como primeira etapa da educação básica, começa a ganhar visibilidade e importância, passando a ser respaldada por legislação específica.

A obrigatoriedade da oferta de Educação Infantil é uma conquista recente. Na década de 80, sob pressão da sociedade e movimentos sociais, a Constituição de 1988 passa a garantir às crianças o direito à educação como dever do Estado.

Art .205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será provida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1988)

A constituição de 1988 evidencia a criança como um ser que está em pleno processo de desenvolvimento, que se constitui por meio das interações com os seus respectivos pares e com o meio social, o que fortalece a necessidade de novas leis que abarcam os seus direitos e deveres ao longo da vida. Nesse sentido, foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que define as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, em desenvolvimento, que necessitam de proteção da família, da sociedade e do Estado. No artigo 58 descreve sobre o processo educacional:

No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura.(Brasil, 1990).

Ainda na década de 1990, a Educação Infantil no Brasil passou por diversos avanços e transformações significativas que ampararam desde a formação de professores, reconhecendo a importância do papel desses profissionais na promoção do desenvolvimento integral das crianças, as reflexões e discussões sobre a qualidade da educação ofertada a elas, a implementação de políticas públicas e legislações educacionais.

Pode-se afirmar que houve um crescente reconhecimento da importância da qualidade na Educação Infantil, com investimentos em infraestrutura, materiais pedagógicos e práticas

pedagógicas voltadas às demandas e necessidades específicas das crianças nessa faixa etária. Tais avanços foram essenciais para o desenvolvimento de bases legais e práticas que aprimoraram o olhar da sociedade como um todo sobre a Educação Infantil no Brasil até os dias atuais.

Vale salientar que desde então, houve um esforço significativo voltado a expansão de oferta de vagas na expectativa de ampliar o acesso das crianças à Educação Infantil nas creches e nas pré-escolas. Em 1994, foi lançado o Programa Nacional de Educação Infantil (Pnei), no intuito de fomentar a ampliação das práticas pedagógicas desenvolvidas neste segmento por meio da disponibilização de recursos para a construção de novas instituições e para a formação docente.

Já em 20 de dezembro de 1996, estabelece-se as diretrizes e bases da educação nacional por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDBN nº 9.394/1996, a qual representou uma enorme conquista para a Educação Infantil, inicialmente ao definir essa etapa como a primeira na Educação Básica, voltada ao atendimento das crianças de zero a seis anos de idade, e ao validar a importância do atendimento integral e do respeito às especificidades dessa faixa etária.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional(LDBN), fala da Educação Infantil de forma mais abrangente, como primeira etapa da educação básica dos 0 aos 5 anos:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.
(BRASIL, 1996)

Conforme estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) de 1996, a Educação Infantil será disponibilizada em creches e pré-escolas, seguindo normativas específicas. Essas diretrizes abrangem aspectos como o desenvolvimento da criança sem finalidade de promoção, modalidades de carga horária, seja parcial ou integral, controle de frequência, e a documentação que atesta o progresso e aprendizado infantil.

Vale ainda destacar, que essa lei passou por uma série de atualizações, inclusive, em 2013, momento em que a Lei nº12.796, de 4 de abril de 2013, alterou a LDBN nº9.394 de 1996 para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Por exemplo, o Título III, ao tratar do Direito à Educação e do Dever de Educar, em seu Art. 4, fica claro que:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma de a) pré-escola; b) ensino fundamental; e c)

ensino médio; II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade. (Brasil, 1996, Art.4º)

Na Constituição Federal de 1988 a educação básica passou a ser garantida para todos, porém foi somente a partir da emenda constitucional nº 59, de 2009, que assegura a obrigatoriedade e gratuidade à educação básica e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos que a Educação Infantil foi assegurada:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:
I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009). (Brasil, 1988)

O Plano Nacional de Educação (PNE), instituído pela Lei nº 13.005/2014, estabeleceu metas e estratégias para a Educação Básica, incluindo a Educação Infantil. O documento destacou a necessidade de ampliar o acesso e a qualidade, com ênfase no atendimento à criança de zero a três anos. O PNE determina metas e estratégias voltadas a educação, tendo uma vigência de 10 anos, com término em 2024. Possui entre suas metas, a meta 1 voltada para a Educação Infantil.

Meta 1 Universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE. (Brasil, 2014)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologada em 2017, definiu as competências e habilidades que os estudantes brasileiros devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica. Para a Educação Infantil, a BNCC destacou a importância das interações e brincadeiras no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral.

A Educação Infantil, segundo a BNCC, é considerada a primeira etapa da educação básica e o início do processo educacional, com a consolidação que vincula educar e cuidar, compreendendo o cuidado como uma parte inseparável do processo educacional. Nessa perspectiva, as creches e pré-escolas buscam ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades das crianças ao acolher as vivências e conhecimentos construídos no ambiente familiar e na comunidade, integrando-os em suas propostas pedagógicas.

A BNCC traz a criança como um sujeito que aprende através das suas interações sociais, trazendo o brincar como um importante instrumento para o desenvolvimento de suas capacidades de forma integral, pois a partir das brincadeiras a criança trabalha o afeto, a resolução de conflitos, as emoções dentre outras dimensões da vivência da criança. Assim, dispõe de seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que garantem condições para que

as crianças aprendam em situações que possam desempenhar um papel ativo, nos quais são desafiadas e provocadas a resolver situações e possam construir significado sobre si, o outro e o mundo. Os seis direitos de aprendizagem são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Além disso, a BNCC dispõe dos campos de experiência que são associados a suas experiências, formando assim os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento voltados a Educação Infantil, tendo sempre a brincadeira e a interação como eixos estruturantes.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) estabelecem que o currículo deve contemplar práticas que busquem articular as experiências, os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do seu cotidiano e do patrimônio cultural, a fim de seu desenvolvimento integral. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil também entende a Educação Infantil como a etapa inicial da educação básica, disponibilizada em creches ou pré-escolas destinadas a crianças de 0 a 5 anos de idade, no período diurno de modo parcial ou integral. Destaca a criança como sujeito histórico, que a partir das interações e do cotidiano, constrói sua identidade, brinca, fantasia, imagina e, a partir dessas interações constrói cultura.

Nesse sentido, as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (2009), diz que as práticas pedagógicas que constituem a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança. (Brasil, 2009)

No Distrito Federal, pode-se citar ainda o Plano Distrital de Educação (PDE), estabelecido pela Lei nº 5.499/2015, o qual orienta as ações da Secretaria de Estado de Educação, com validade de 2015 a 2024, e apresenta como finalidade promover a coesão das políticas educacionais no Distrito Federal, delineando objetivos e metas alinhados ao Plano Nacional de Educação – PNE. Entre suas diretrizes, destaca-se a busca pela universalização do acesso à educação escolar, incluindo a educação infantil. A Meta 1 visava, até 2016, universalizar o acesso à pré-escola para crianças de quatro a cinco anos, expandindo também a oferta de creches públicas e conveniadas. O plano prevê atender, no mínimo, 60% da população dessa faixa etária, com acréscimo anual de pelo menos 5%, culminando em pelo menos 90% de cobertura em período integral até o término de sua vigência.

Outro significativo documento para a primeira infância, trata-se da Lei nº 13.257/2016, conhecida como Marco Legal da Primeira Infância, que reforçou a importância dos primeiros

anos de vida e estabeleceu diretrizes para a formulação e implementação de políticas públicas voltadas para a primeira infância, o que inclui a Educação Infantil.

Como podemos ver a Educação Infantil passou por muitas mudanças e atualmente utiliza diversos documentos que a norteiam. A criança sempre fez parte da sociedade, porém nem sempre foi enxergada como um ser pensante e com direitos. Percebemos que ao longo dos anos esse cenário passou por diversas mudanças. Leis foram criadas para assegurar o direito a educação, mas ainda é possível observar muitas crianças fora da escola, fazendo-nos refletir sobre o que pode ser feito e quais outras mudanças ainda serão necessárias para que esse direito seja garantido de forma integral.

A criança que antes era vista como um ser inferior, passa a ter direitos e ser vista como um ser que faz parte da sociedade e que o cuidar, brincar e educar passam a ter significados diferentes com o passar do tempo, mesmo sempre estando presente, independentemente da época, pois:

A educação infantil deve cumprir com suas duas funções: educar e cuidar, sendo estas indispensáveis e indissociáveis, para promover o bem estar da criança, seu desenvolvimento físico, motor, intelectual, emocional, moral e social, estimulando a criança a interessar-se pelo processo do conhecimento do ser humano, da natureza e da sociedade. Isto deve ocorrer, num processo prazeroso, que valorize o lúdico, a cultura, as múltiplas formas de comunicação, diálogo e interação. (Paraná, 1999)

Pensando na realidade da educação no Brasil, e todas as suas mudanças ao longo da história, percebemos que ainda existem muitos equívocos no modo em que as crianças são ensinadas. Por que elas ainda são tratadas como adultos, com uma Educação Infantil alfabetizadora que não as percebe como seres em constante desenvolvimento de suas habilidades?

Para que qualquer direito seja assegurado, faz-se necessário conhecer o percurso e a importância dos documentos e normativos educacionais, conforme aqui já exposto. Por fim, vale destacar que não há menção em relação ao uso do livro didático, nos documentos que norteiam a educação infantil.

5. Concepções de Criança, Infância(s) e Educação Infantil

Quando pensamos em infância(s) e criança, naturalmente nos vem o mesmo significado, porém, criança diz a respeito ao ser de direito e infância ao momento da vida, seja no meio social, cultural ou econômico.

As concepções de infância(s) são construções sociais e culturais que perpassam por diversas mudanças na sociedade, cada uma atribuindo significados distintos. Segundo Maia

(2012), a evolução histórica do sentimento de infância adquiriu distintos significados ao longo do tempo, sendo influenciada pelas relações sociais e não exclusivamente pelas características específicas das crianças. Os conceitos de infância(s) começaram a surgir a partir do século XVII e XVIII, como uma construção social.

A criança é considerada um sujeito histórico de direitos, com diferentes formas de se expressar, seja a partir da fala, dos gestos, dos desenhos ou brincadeiras. Os documentos norteadores para a Educação Infantil, colocam a criança com o centro no processo de ensino e aprendizagem, considerando-as em diferentes aspectos. Sendo assim, a criança é percebida como um ser em constante desenvolvimento, que necessita de proteção e que constrói conhecimento. As Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (2009) apresenta a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Brasil, 2009)

Nesse sentido as crianças não devem ser negligenciadas, elas devem ter o direito de se expressarem de diferentes maneiras, assumindo o protagonismo do seu processo de aprender. Segundo Gobbi (2010), ao limitarmos as linguagens somente à fala, deixamos de considerá-lá juntamente ao desenho, a dança, o movimento, a brincadeira, a música, a fotografia, ao gesto e ao choro, ou seja, se faz necessário pensar nas crianças como crianças, levando em consideração suas formas de expressão, seu comportamento, suas interações, tudo que compõe o ser criança.

Contudo, é importante ter em mente que, a partir das múltiplas linguagens é possível expressar-se em relação a sua visão de mundo, do ambiente e se constituir como ser em constante desenvolvimento, mostrando a importância de não podar o imaginário das crianças, pois é por meio dele e do brincar que a criança se expressa de diferentes formas, ela aprende, ensina e se comunica. Segundo Redin e Fochi (2014), a cultura que a criança está inserida, é representada por ela de diferentes maneiras, não necessariamente por meio da fala.

Por esse motivo, é importante saber ouvir as diferentes linguagens das crianças, seu processo de desenvolvimento, tendo atenção, ou melhor, com sensibilidade as diferentes formas que a criança se expressa. A partir desse olhar, faz-se necessário um planejamento focado nas crianças, em suas visões e desejos, prevalecendo as aprendizagem por meio das diferentes linguagens.

6. O Livro Didático na Educação Infantil

O uso do livro didático na Educação Infantil tem gerado uma importante discussão entre

os professores dessa etapa de ensino. Enquanto alguns profissionais defendem sua utilização, a maioria se opõe, considerando que, nessa fase do ensino, a criança tem como objetivo a descoberta do mundo por meio de experiências, interação com o ambiente e com o outro. Os documentos norteadores, no que refere a Educação Infantil, não citam em momento algum o uso do livro didático nessa etapa de ensino.

Apoiadores do uso de livros didáticos na Educação Infantil, incluem instituições de ensino, professores conteudistas e pais que consideram que essa fase é uma preparação para o Ensino Fundamental, tendo a perspectiva que a criança tem que chegar alfabetizada na próxima etapa de ensino. Assim, muitas instituições de ensino, em especial da rede privada, adotam o uso do livro didático como instrumento no processo de ensino e aprendizagem, com o foco em alfabetizar as crianças ainda na Educação Infantil, ignorando o fato de que nessa fase, as crianças aprendem a partir das vivências e do brincar, que trazem experiências prazerosas e desafiadoras. Mesmo que alguns autores reafirmem a importância do uso do livro didático, têm suas ressalvas, como Santos e Carneiro:

O livro didático assume essencialmente três grandes funções: de informação, de estruturação e organização da aprendizagem e, finalmente, a função de guia do aluno no processo de apreensão do mundo exterior. Deste modo, a última função depende de o livro permitir que aconteça uma interação da experiência do aluno e atividades que instiguem o estudante a desenvolver seu próprio conhecimento ou, ao contrário, induzi-lo à repetições ou imitações do real. Entretanto o professor deve estar preparado para fazer uma análise crítica e julgar os méritos do livro que utiliza ou pretende utilizar, assim como para introduzir as devidas correções e/ou adaptações que achar conveniente e necessárias (Santos e Carneiro, 2006, p. 206).

Porém, as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (2009), dizem que as práticas pedagógicas que constituem a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, além de garantir experiências que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança. (Brasil, 2009)

É notório como as instituições de ensino da rede privada, se apoiam no uso do livro didático, chegando, por vezes, a esquecer da criança como ser pensante, voltando a percebê-la como mini adulta, antecipando a alfabetização e ignorando do seu processo de descobertas.

Nas instituições de ensino, é possível perceber que a brincadeira, por diversas vezes, assume um papel de recreação, quase um passatempo, enquanto o estudo, incluindo a presença do livro didático, assume um papel separado, visto como um momento sério, que deve ser

seguido de forma estreita, desconsiderando o brincar e tudo que envolve essa ação, como se o imaginar, criar, testar, não fizessem parte do processo de desenvolvimento da criança.

No entanto, compreendendo a criança como ser que é, em suas especificidades e não apenas um vir a ser, faz-se essencial que existam situações de aprendizagens lúdicas, compreendendo que crianças são crianças, independentes dos lugares em que estão inseridas. É necessário repensar em o porquê de haver essa separação entre o brincar e o estudar e em como é possível unir as duas práticas, mantendo também apenas os momentos do brincar livre, no qual, de toda forma, haverá aprendizados.

Por muitas vezes, as professoras se veem presas ao livro didático, tendo que renunciar a práticas pedagógicas voltadas à aprendizagem através do brincar, pois é cada vez maior a quantidade de livros que são adotados pelas instituições de ensino da rede privada. Nesse caso, o livro se torna o centro do planejamento do professor e as crianças ficam em segundo plano, assim como seu potencial criativo.

Segundo Lima (2021), o livro didático tem o potencial de restringir a elaboração de atividades que reflitam a cultura infantil, suas experiências diárias e interesses, além de não se adequar ao nível de desenvolvimento cognitivo da criança. Nesse sentido, o livro didático pode acabar podendo o interesse das crianças em aprender através de descobertas e através de vivências cotidianas.

Contudo, há falta de estudos sobre a utilização do livro didático na Educação Infantil. Isso requer uma atenção especial ao seu uso, evitando abordagens que ultrapassem os limites e coloquem as necessidades das crianças em segundo plano, trazendo cada vez mais estudos voltados a temática. Foi a partir das minhas observações, como auxiliar de sala de turma de pré-escola, que surgiu meu interesse de escrever sobre a relação do uso do livro didático e o brincar na pré-escola.

7. Percurso Metodológico

Para responder aos objetivos desse trabalho, foi conduzida uma pesquisa de caráter qualitativa, a qual ocorre através da “contextualização do objeto de estudo em dada realidade social dinâmica, perpassando por relações e interações que se implicam mutuamente” (Lima; Pereira, 2018, p.83). Este é um estudo de caráter exploratório e descritivo, a partir de relatos de experiências vivenciadas por mim, como auxiliar de sala em turmas de pré-escola.

Assim, trata-se de um estudo de campo, que visa a obtenção de informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta ou ainda, para

descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (Marconi; Lakatos, 2003; 2017). Ainda de acordo com as autoras, consiste na observação de fatos e fenômenos, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis relevantes para analisá-los. Neste sentido, o trabalho será de suma importância para compreender como a teórica e a prática sobre o assunto investigado estão atreladas.

O estudo seguirá, a partir de registros diários, juntamente com a bibliografia utilizada e as normativas voltadas a Educação Infantil. As experiências vivenciadas são de uma turma de jardim I (pré-escola), no qual as crianças tem entre quatro e cinco anos, uma fase em que as descobertas, o meio social e as brincadeiras são de extrema importância para seu desenvolvimento e para a construção de sua identidade.

As experiências vivenciadas, foram registradas diariamente, a partir de algumas inquietações que surgiram ao longo do caminho, referentes ao uso do livro didático se tornar uma das principais ferramentas de ensino e aprendizagem dessa etapa de ensino, fazendo com que as crianças não tenham tempo de qualidade para brincar e interagir com o meio. A partir de leituras que foram realizadas juntamente com as experiências, é possível perceber que a criança aprende por diversos meios e não necessariamente pelo livro, sendo preciso um planejamento focado nas crianças e para as crianças.

O trabalho que considere as diferentes linguagens das crianças implica, além de elaborar, para elas e com elas, ricos ambientes contendo materiais diversos, que se garanta também a aproximação da arte em suas formas: teatro, cinema, dança, exposições, literatura, música ampliando e reivindicando o direito às manifestações artístico-culturais além do contexto escolar, transpondo-o de modo corrente e constante. (Gobbi, 2010, p. 2)

A partir do estudo, foi possível realizar uma análise de caráter crítico reflexivo, pois busca-se trazer uma reflexão sobre o espaço que o livro didático vem tendo no planejamento, e como outras atividades nas quais as crianças aprendem de forma mais significativa, como o brincar, por exemplo, vem tendo seu tempo reduzido ou até mesmo deixado de lado. Nesse sentido, os relatos de experiência serão apresentados em diálogo com os temas apresentados anteriormente.

8. Experiências e reflexões acerca da utilização do livro didático em turmas de educação infantil

A instituição de ensino a qual trago meus relatos, utiliza durante o ano letivo quatro livros didáticos, além das atividades em folha, para o processo de ensino e aprendizagem das

turmas de jardim I (pré-escola), com crianças de quatro a cinco anos de idade. São dois livros de matemática, um livro de inglês e um de projeto de vida. Os livros de matemática são divididos em caderno 1 e caderno 2, sendo um utilizado no primeiro semestre e o outro no segundo semestre.

Observo, em minha prática de ensino, que os conteúdos dos livros didáticos poderiam ser ensinados de forma lúdica, com amplas possibilidades de desenvolvimento para as crianças, pois teriam o contato com o outro, com a situação problema e com a resolução de conflitos. As crianças trabalhariam a socialização, a atenção, o companheirismo, o saber ouvir o outro, a troca de informações e não ficariam presas/paradas frente a um livro, em uma sala de aula, até porque nessa fase as crianças têm muita curiosidade, querem descobrir os iguais e os diferentes e testar novas descobertas.

Como já descrito, além das atividades diárias realizadas nos livros, também há as atividades em folhas, que seguem o mesmo propósito. Muitas vezes, as crianças realizam mais de duas páginas do livro, uma atividade em folha e atividades de casa, sendo a última enviada três vezes por semana. Como podemos perceber, as atividades lúdicas e as propostas dos documentos legais a exemplo da BNCC com os eixos norteadores, dificilmente aparecem no planejamento das aulas. As professoras, por vezes, resistem ao planejamento e abrem um espaço para que as crianças possam ter um tempo para brincar, imaginar, inventar, formular hipóteses, testar e, assim, serem ativos em seu processo de descobrir o mundo. A seguir vamos descrever como é o dia-a-dia da turma do Jardim I (pré-escola).

Neste dia, a rotina começou com a rodinha de acolhimento bem corrida, pois as crianças precisavam realizar atividades em duas páginas do livro de matemática. Essa atividade era sobre salto à distância, dava para ser trabalhada de forma lúdica e prazerosa, fora da sala de aula, de modo que as crianças conseguissem visualizar melhor o que era proposto, envolvendo seus corpos, pensando em estratégias e testando-as em momentos de interação entre os colegas e com a professora.

Neste momento, estamos há menos de um mês para a feira de ciências (mostra de artes), as crianças estão com uma rotina super apertada e sob pressão, sim, crianças de quatro e cinco anos de idade, acabam sofrendo ao serem pressionadas para que suas atividades saiam sem erro e com precisão, algo bonito para o outro. Na maioria dos dias a rotina é iniciada com uma roda para que a professora possa conversar com as crianças, para que elas possam contar novidades, algo que aconteceu que queiram compartilhar e cantar algumas músicas, porém, na última semana esse momento foi deixado de lado por conta da feira de ciências.

Neste dia, as crianças tiveram somente 10 minutos no parque, isso significa que o

restante do tempo elas ficaram em sala, fazendo a agenda (pois são elas quem escrevem o que vai ser a atividade de casa), realizando atividades para a feira e ainda finalizando as atividades para o mural que é trocado quinzenalmente e, mais uma vez, o brincar foi deixado de lado, pois 10 minutos não são suficientes para as crianças, eles necessitam de liberdade e tempo para planejar e executar suas brincadeiras.

A atividade de casa sobre salto à distância (continuação do que foi feito na sala) do dia anterior, foi entregue e, por incrível que pareça, muitas crianças responderam a atividade incorretamente, precisavam colocar em ordem no pódio as figuras de quem ganhou no salto a distância. O fato de várias crianças terem errado essa atividade do livro me chamou a atenção, pois classificar quem chegou em primeiro, segundo e terceiro lugar, são ações corriqueiras nas brincadeiras e organização entre os pares no dia-a-dia, então me questiono se essa atividade tivesse sido trabalhada ludicamente, nas interações entre as crianças, o resultado da compreensão teria sido diferente, em relação ao conteúdo classificação.

Mais um dia se inicia e as crianças já foram chegando e fazendo a agenda, nesse dia a rodinha nem foi citada e, posteriormente, realizaram as atividades para a feira de ciências. O único momento de brincadeira foi enquanto um grupo realizava a atividade de artes e o outro brincava com a massinha. Nesse dia as crianças não saíram da sala de aula, a não ser para a hora cívica.

Ainda por conta da feira de ciências (mostra de artes), a rotina começou como nos últimos dias, sem rodinha e bem apressada. Na sexta-feira é o dia em que as crianças escolhem um livro de literatura, os livros são disponibilizados em um tecido no chão, para que as crianças possam fazer a escolha do livro que desejam levar para casa e realizar a leitura com a família. Nesse dia as crianças não fazem agenda. Após a escolha do livro, as crianças retomaram as atividades da mostra de arte e ao final do dia foram para a casinha, pois na sexta-feira também é o dia do brinquedo, lá permaneceram 20 minutos.

Às segundas-feiras, as crianças tem aulas especializadas (literatura infantil, expressão corporal, informática e inglês), é um momento que a brincadeira está mais presente, exceto na aula de inglês, que nesse dia a professora resolveu fazer quatro páginas do livro, pois pretendia terminar o livro em mais três aulas, sendo que ainda faltava mais ou menos um mês e meio para o fim das aulas.

Inicia-se mais um dia voltado para as atividades da mostra de arte, hoje as atividades são telas, esculturas, bonecos entre outros. As crianças nesse dia deixaram a massinha e brincaram com bloquinhos de madeira, mas ainda dentro da sala. Enquanto realizavam as atividades, a professora só colocou o brinquedo no chão e as crianças brincaram para que ela

continuasse as atividades.

Outro dia de rotina com muitas atividades para a mostra de arte, porém, as crianças fizeram atividade em folha em vez de brincar com massinha ou brinquedo. Nesse dia as crianças foram 10 minutos para o parque, que mais me parece uma desculpa para as professoras, como se esses minutos de parque suprissem a falta do brincar, sem dar tempo para o brincar, para o planejar, apenas para dizer que possibilitou um tempo de parque.

Por incrível que pareça, a rodinha foi realizada nesse dia, bem curta, mais existiu, com apenas uma música e alguns questionamentos das crianças. Nesse dia, vou mudar um pouco o foco, vou falar das professoras que estavam aparentemente exaustas, não somente a professora dessa turma, mas todas as professoras que encontrávamos nos corredores, pois crianças e professoras estão com uma rotina apertadíssima. Ao final do dia, com todos muito cansados, a professora decidiu levar as crianças mais cedo para a areia e eles brincaram por 30 minutos.

Já no dia seguinte, a rodinha nem existiu, pois a professora só queria (ou teria) que finalizar pelo menos uma das diversas atividades que tinham pendentes, para que as crianças pudessem ir pelo menos para a casinha, pois eles já não aguentavam mais ficar dentro da sala. Era criança correndo, criança pulando, criança gritando, criança sendo criança, mas de forma mais intensa, como reflexo de uma semana extremamente puxada e rígida para eles. Ao final, foram somente para a casinha, detalhe: só foram para a areia no dia anterior e para a casinha porque as professoras resolveram usar os horários de atividades, mas o planejamento era ficar em sala.

Após a tão esperada mostra de artes, realizada com cinco trabalhos feitos pelas crianças, em uma sala dividida com mais duas turmas de jardim I, que por sinal foi muito elogiada pelos pais, com trabalhos “ perfeitos” ao seus olhos, foram retomadas atividades voltadas aos ensaios para apresentações de final de ano, reuniões com os pais, entregas de materiais e relatórios, entre outros. E, novamente, foi possível observar a inquietação e a preocupação das professoras quanto a necessidade de finalizar as páginas em branco dos livros, já que estava prestes a encerrar o período letivo. Fato esse que será analisado no tópico a seguir. Por isso, segue abaixo uma sequência didática realizada nesse período.

Como já relatei, às segundas-feiras, as crianças têm aulas especializadas, com atividades diferenciadas como: música, literatura infantil, informática, expressão corporal e inglês. A partir desse dia a professora de inglês começou a colocar as páginas do livro em dia, para que assim pudesse finalizá-lo até o início de dezembro. As crianças realizaram, em 50 minutos de aula, três páginas do livro, ao final da aula algumas crianças não conseguiram finalizar as páginas e deixaram para terminar na semana seguinte.

Nessa semana as coisas voltaram a normalidade, pois a mostra de artes já tinha passado. Teve rodinha no início, esse é um momento que para as crianças tem seu significado e importância, pois assumem a palavra e ganham visibilidade. Porém, as atividades dos livros estavam atrasadas e chegou o momento de colocá-las em dia, após fazerem a agenda, as crianças realizaram duas páginas do livro projeto de vida, lancharam e depois tiveram duas aulas especializadas.

O dia seguinte iniciou com a rodinha e, posteriormente, como de costume, fizeram a agenda, copiando o que seria a tarefa de casa, mas já tinha outro mural para produzir com as crianças, que seria colocado na semana seguinte. As crianças dividiram seu tempo entre fazer os desenhos dirigidos para o mural e colocar os livros em dia. Realizaram mais páginas do livro e, ao final do dia, brincaram de bola por 10 minutos, no pátio coberto. Era dia do parque de areia, mas estava chovendo.

Na sexta-feira, o dia iniciou-se com a rodinha, neste dia não tem agendas, pois é dia de levar o livro de literatura para casa e ler com os pais no final de semana. E vamos de mais páginas do livro didático, dessa vez o de matemática, as crianças realizaram três páginas do livro. Nesse dia, a professora decidiu levá-los para o gramado e fazer um piquenique. Ao final do dia tinham casinha, porém preferiram ir ao parque por aproximadamente 15 minutos.

Mais uma segunda-feira com as aulas especializadas, é um momento em que as crianças se soltam e brincam, às segundas as crianças estão mais alegres. Porém, na aula de inglês, mais páginas do livro para realizar e finalizá-lo, pois, na semana seguinte a professora de inglês terá que realizar uma atividade de Natal.

O dia iniciou com a rodinha falando sobre o valor dos produtos do supermercado, e posteriormente, como de costume, fizeram a agenda, copiando o que seria a tarefa de casa, todos os dias têm uma criança que pergunta: Tia vai ter tarefa de casa? Quando recebem a resposta que sim, a fisionomia deles muda, a alegria dá espaço para a frustração. As crianças realizaram mais duas páginas do livro para finalizá-lo até o final de novembro.

A rodinha do dia seguinte foi, novamente, sobre os preços dos produtos e, posteriormente, a agenda. Os trabalhos realizados por elas foram colocados em ordem, pois a reunião de pais se aproxima. As crianças realizaram mais cinco páginas dos livros, lancharam e como de costume, brincaram de massinha até todos terminarem de lanchar, o final do dia brincaram por 15 minutos no parque.

Novamente, rodinha com preços dos produtos do supermercado, seguida de agenda. As crianças realizaram três páginas dos livros e uma atividade em folha sobre o tema da semana: o que é o supermercado, o valor dos produtos, e a correria para finalizar as atividades está cada

vez maior. Ao final, foram para o parque, com já relatado anteriormente, eles vão para a areia às quintas-feiras, pois essa atividade está especificada nos horários das crianças, mas nesse dia a areia estava interditada.

Mais uma sexta-feira com a rodinha e sem agendas. E vamos de mais páginas do livro. Nesse dia, após o lanche, as crianças foram para o mercadinho montado com embalagens que eles levaram e cédulas de brincadeira, para realizar compras fictícias com o valor que cada criança recebeu.

Na segunda-feira seguinte, a professora de inglês realizou uma atividade de pintura com as crianças e solicitou que os livros fossem conferidos e finalizasse com quem tinha alguma coisa pendente. Observei que as crianças expressavam felicidade enquanto desenhavam, pois através do desenho puderam se expressar, sendo o desenho considerado uma forma de linguagem das crianças.

Os desenhos constituem-se como um jogo em que há narrativas, imaginações, inventividade que são mobilizadas pelo convite feito pelos suportes que são oferecidos ou encontrados pelas crianças. Através dos traçados procura-se conhecer, reconhecer-se e ser reconhecido. (Gobbi, 2010, p.5)

Após apresentar, por meio de relatos de experiências vivenciadas por mim como auxiliar de sala, como tem ocorrido a relação entre o uso do livro didático e o brincar em turmas de jardim I (pré-escola), busco refletir sobre esses momentos.

8.1 Momentos deixados de lado, mas essenciais.

Segundo as DCNEI (2009), o currículo da Educação Infantil é um conjunto de práticas que procuram articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte de sua cultura, de forma que promovam o desenvolvimento integral da criança. Porém, percebo que a cada vez que o livro didático é usado sem possibilitar o protagonismo da criança, esse momento de troca de experiência foi retirado das crianças, deixando assim, de considerar suas especificidades, tratando-as como se fossem miniadultos, a ponto de passarem 50 minutos fazendo, mecanicamente, atividades em um livro.

Quando pensamos em crianças, pensamos na nossa infância, como brincávamos livremente, ficávamos sujos de tanto brincar, das diversas brincadeiras que aprendemos, como: pular corda, queimada, corre cutia, elástico, entre outras. Nesse momento me pergunto onde foram parar essas memórias, essas brincadeiras, pois nas instituições de ensino as rotinas estão cada vez mais rígidas e menos interessantes para as crianças, cada vez mais atendendo a um

projeto de escola neoliberal, que valoriza o produto e não o processo.

O brincar é considerado um dos momentos mais importantes no desenvolvimento da criança, a partir do brincar ela aprende, tanto que a brincadeira é um dos eixos estruturantes da Educação Infantil e que tem sido deixado de lado, abrindo espaço somente para o livro didático, prezando a aprendizagem tradicional, sem pensar nas interações e aprendizagens que o brincar proporciona.

Com a missão e compromisso de, chegar ao final do ano com os livros didáticos completos, e o prazo pequeno para finalizar os livros, as crianças começaram uma maratona, sim, uma maratona para colocar as páginas dos livros em dia, chegando a realizar até cinco páginas dos livros por dia, atividades que foram realizadas na correria, tornado-se sem sentido, as crianças já estão no automático, não entendem, porém realizam.

Nesse sentido, é válido questionar se o livro está realmente agregando conhecimentos, ou somente tomando parte da infância das crianças, estressando professoras, ocupando o planejamento diário, que abdica do brincar, desconsiderando que a constituição do sujeito perpassa o social e o cultural que, momentaneamente, se torna inexistente, com a correria e a falta de tempo, inviabilizando criar possibilidades e fazer descobertas.

Sendo assim, o dia se torna mais um dentre os tantos outros em que as crianças não saem de sala, nem para ir ao parque. Vale ressaltar que a instituição de ensino retratada, possui diversos espaços nos quais as crianças podem planejar e executar brincadeiras, explorar e criar, mas as inúmeras atividades dos quatro livros didáticos acontecem no espaço restrito da sala de aula, que inclusive impede a convivência quando se precisa estar focado em atividades individuais realizadas no livro.

Ao invés de lidar com a alegria das descobertas feitas pelas crianças, o que ouvi foi “Não gosto de vir para a escola, porque tem muito dever, as vezes minha mão fica doendo!”. Após essa afirmação me peguei refletindo, pois era para esse momento ser prazeroso, instigante e não massante para as crianças e pergunto: será que essa mão não dói porque ainda não é hora de colocá-la para fazer tantas atividades de escrita? Por que estamos correndo tanto com conteúdos e hábitos de crianças mais velhas, mesmo ainda que sejam crianças, mas já passaram pela educação infantil?

Vislumbramos, após a mostra de artes, outro ponto para se lançar a uma discussão futura, que arte é essa que aprisiona? A rodinha, considerada um momento que é muito importante para as crianças, voltou a ser realizada com frequência, deixando com que elas compartilhassem suas experiências e vivências fora da escola. Sendo assim, apesar de o livro didático ainda ser o protagonista nesse momento, as crianças voltaram a “ter vozes” e puderam

se expressar mais, mas ainda assim, o brincar ficou novamente restrito ao parque.

Em outras palavras, as crianças necessitam ser rápidas nesse momento, para sobrar tempo para brincar, elas precisam desenvolver estratégias para poderem fazer o que é próprio da infância, o que é direito seu, garantido por lei. O que mais me impacta é justamente que nenhum dos documentos aqui apresentados remetem à utilização do livro didático na educação infantil. Com o uso do livro temos, de um lado, as crianças que perdem espaço/tempo de brincadeiras, sendo que “Através do brincar a criança se prepara para aprender. Brincando ela aprende conceitos novos, tem crescimento saudável e adquire informações,” (Silva, 2007), se relaciona com o mundo. Por outro lado, temos as professoras que se veem presas às atividades do livro, tendo que driblar o planejamento para que sobre tempo para as crianças brincarem.

9. Considerações finais

A intenção desse trabalho foi refletir sobre a relação do uso do livro didático e o brincar na pré-escola, a partir das experiências cotidianas vivenciadas por mim em uma instituição de ensino privada de Educação Infantil, localizada em Brasília. Para tanto, busquei promover reflexões sobre a importância das concepções de criança, infância e Educação Infantil presentes nos documentos e nos normativos pedagógicos norteadores do segmento e b) apresentar, por meio de relatos de experiências vivenciadas por mim como auxiliar de sala, como tem ocorrido o uso do livro didático em turmas da pré-escola.

Assim, mostrei o espaço que o livro didático vem tendo em sala de aula, de uma turma de jardim I (pré-escola), compreendendo que seu uso ultrapassa o que as normativas preveem para essa etapa de ensino. Ao mesmo tempo, evidenciei como o brincar foi deixado de lado sem pensar no ser criança.

Com base nas experiências vivenciadas, percebo que são muitos os desafios impostos na Educação Infantil, pois é notório que as instituições de ensino não têm interesse de mudar em relação ao livro didático, estão acostumadas com o mesmo e têm medo de mudanças. E, nessa relação, percebo ainda, que na maioria das vezes as crianças não são os protagonistas do processo, o foco dos professores e das instituições é satisfazer as expectativas dos pais, enchendo as crianças de atividades para que cheguem ao Ensino Fundamental alfabetizadas, sem que esse seja o objetivo da Educação Infantil, já que:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à

proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (Brasil,2009)

Além disso, partindo do pressuposto que em nenhum dos documentos normativos, o uso do livro é explicitado, se abre um questionamento do porquê de as instituições aderirem a esse método de ensino, sabendo-se que o objetivo dessa etapa é a interação e o brincar, fazendo com que a criança não queira até mesmo ir à escola, por conta da quantidade de atividades diárias.

Percebe-se que o livro didático ocupa praticamente todo o espaço no planejamento diário, fazendo com que as crianças não tenham tempo para brincar e interagir com o outro, mostrando que os poucos momentos de brincadeiras são repletos de imaginação e felicidade. Sendo assim, as instituições de ensino deveriam rever suas práticas pedagógicas, direcionando ao ser criança e não aos pais, pois as crianças têm muito a descobrir e a mostrar.

No entanto, vale ressaltar que estamos falando de uma instituição de ensino da rede privada, de uma classe social em que o interesse é ter seu filho no topo da pirâmide, então, são pais que prezam que a criança deve aprender o quanto antes a ler e a escrever, não importando a idade, pois para eles isso também é uma demonstração de amor e afeto. Porém, o fato de as crianças terem que aprender tão cedo a ler e escrever pode se tornar algo frustrante, e que lhes traz tristeza, pois o processo para chegar alfabetizado ao ensino fundamental tira das crianças uma parte da sua infância.

Segundo Hooks (2021), a maioria das crianças não conhecerá o amor, enquanto estivermos numa cultura que não assegure e respeite os seus direitos civis. Em outras palavras, é necessário pensar na importância de se viver a infância com suas brincadeiras, descobertas e aprendizagens, assegurando direitos básicos das crianças, pois só assim elas serão respeitadas como sujeitos em constante desenvolvimento, sem saltar etapas ou acelerar processos de aprendizagem.

Se faz necessário práticas pedagógicas voltadas as diferentes formas de linguagem das crianças, com brincadeiras e jogos, pois como já foi dito anteriormente, brincando a criança constrói, imagina, se coloca no papel do outro no faz de conta e se desenvolve. A partir das experiências vivenciadas, foi possível perceber que as atividades dos livros didáticos teriam a possibilidade de serem realizadas fora de sala, a partir de brincadeiras e da interação com o outro, com a mesma intencionalidade do livro, mas de forma lúdica. Contudo, é necessária uma reflexão acerca da importância das brincadeiras na Educação Infantil, bem como acerca do papel do livro didático no processo de ensino e aprendizagem na pré-escola.

O brincar é uma atividade essencial para o desenvolvimento das crianças e desempenha um papel importante e fundamental na educação. É uma forma de aprendizado lúdica que

permite que as crianças experimentem, explorem e descubram novos conhecimentos de forma divertida e prazerosa. Além disso, o brincar também desenvolve habilidades motoras, cognitivas, sociais e emocionais, e é fundamental para o desenvolvimento da autoestima, confiança e segurança das crianças.

Posso afirmar que o presente trabalho me trouxe mais reflexões acerca do uso do livro didático na pré- escola, fez-me buscar nas experiências do cotidiano respostas sobre algo que sempre me causou incômodo, pude perceber que é preciso fazer um planejamento lúdico, com brincadeiras, pensando nas crianças como crianças, porém as instituições de ensino da rede privada ainda preferem priorizar o uso do livro didático como uma das principais ferramentas de ensino e aprendizagem para essa etapa de ensino. Sendo assim, é perceptível que ainda há um longo caminho a percorrer, para que a criança seja vista como os documentos e normativas descrevem: um sujeito em pleno desenvolvimento, que se desenvolve a partir das interações e do brincar.

Referências bibliográficas

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Plano Nacional de Educação, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BUENO, Elizangela. Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil: ensinando de forma lúdica. Londrina, 2021.

CAMPOS, Rafaely Karolynne do Nascimento; RAMOS, Tacyana Karla Gomes. A concepção de infância em Rousseau. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 01, Edição Especial, p. 239-250, 2018.

DISTRITO FEDERAL. Plano Distrital de Educação(PDE), Lei N° 5.499.

FILIPIM, Priscila Viviane de Souza; ROSSI, Edinéia Regina; RODRIGUES, Elaine. História da institucionalização da educação infantil: dos espaços de assistência à obrigatoriedade de ensino (1875-2013). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 605–620, 2017.

FOCHI, Paulo Sergio. A criança é feita de cem1: as linguagens em Malaguzzi. REDIN. M.M.;

FOCHI, P.S. **Infância e Educação Infantil II: Linguagens**. São Leopoldo. Unisinos(e-book), EAD, p. 6-20, 2014.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 147-160, 2007.

GOBBI, M. A. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010 pp.01-21

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

LIMA, Laura Alves de. O Livro Didático na Educação Infantil: Uma Análise Crítica. Goiânia- GO. 2021.

MAIA, Janaina Nogueira. Concepções de Criança, Infância e Educação dos Professores de Educação Infantil. Campo Grande-MS. 2012.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATHIAS, Elaine Cristina Bio; PAULA, Sandra Nazareth de. A educação infantil no Brasil: avanços, desafios e políticas públicas. **Revista Interfaces**, n. 1, p. 13-16, 2009.

PAULA, Lara Pinheiro de. Uma Análise Sbre a Utilização de Livro Didático na Educação Infantil. **Revista Científica UNIFAGOC, Caderno Multidisciplinar**. V. I, p. 126- 139, 2020.

SILVA, Adriana Alves. A importância do brincar na Educação Infantil. São Paulo, 2007.

PEREIRA, Angelita Carmo. Et al. Breve Histórico da Educação Infantil no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.]**, v. 8, n. 8, p. 1368– 1374, 2022.

SILVA, Adriana Alves. A importância do brincar na Educação Infantil. São Paulo, 2007.